

O ônibus

Said Slaibi Araujo

...Eu mal sobrevivi ao último desfiladeiro.

Ao acordar naquela manhã, acreditava que seria apenas mais uma longa e escurecida manhã de uma terça-feira, em um certo ano já cheio de terças-feiras longas e escurecidas. Naquela manhã, acordei como de costume.

Como de costume, levantei-me antes do primeiro raio de Sol entrar pela janela de madeira carcomida pela ação do tempo. Despi-me da roupa de dormir e coloquei um longo vestido rosa florido com detalhes azuis. Como de costume, calcei os velhos saltos baixos e gastos que davam aparência aos meus pés dez anos mais velhos do que realmente eram, mas que, pelo menos, eram confortáveis o suficiente e não demandam muita atenção aos seus cuidados.

Como de costume, sentei-me à penteadeira e arrumei os curtos cabelos marrons e armados. Peguei a escova de cabelos e a passei, suave e calmamente, por toda a extensão de meus fios, enquanto vinha à cabeça uma música que minha mãe costumava cantar para mim na infância nos momentos em que ela me arrumava para ir à escola.

Sinto falta de minha mãe todos dias, mas especialmente quando me recordo dessa música ao arrumar os cabelos. Nunca conheci amor que fosse mais intenso, ainda que calmo. A diferença do amor de mãe para todos os outros amores dessa vida está no fato de que ele está presente em qualquer atitude cotidiana, por mais singela que possa ser para todos os outros.

Minha mãe não arrumava meus cabelos e cantava para mim sem razão: havia amor a cada gesto seu, a cada nota que cantara. Sinto por nunca ter tido a chance de sentir tal amor eu mesma, como seria ter nem que fosse uma pequena gota, por menor que fosse, de amor a todo gesto.

O ônibus

Como de costume, coloquei os mesmos anéis dourados, aqueles que tenho desde que me casei, há 15 anos atrás. Nunca mais havia ganhado anéis após esse dia. Habitualmente, fito-me por instantes no espelho, não sei quantos. Perco-me quando olho para a imagem que vejo refletida, pois não consigo compreender se vejo a mim ou se a uma outra mulher que, me vendo ao longo desses anos, compadeceu-se de mim e tomou o meu lugar, estando ela agora igualmente arrependida por ter passado também em sua pele agora real, antes imaginária, pelas mesmas intempéries que eu.

A verdade é que eu ou não eu, ela ou eu vemos a exaustão transparecer por nossas linhas faciais um dia tão singelas, hoje tão profundas e marcadas, como um grande rio milenar que escoar a sua água em amenas torrentes, mas contínuas, e fluxo tão continuamente cruel que nos deixa à margem de expressar qualquer traço de felicidade, quando temos motivos para isso.

Marido roncara. Lembrei-me de sua presença no quarto, aliás, onde passara a noite toda ao meu lado. Dirigi o meu olhar para ele, que ainda dormia um sono que a mim não me era concedido há anos. Afinal, para que acordaria essas horas, antes do galo, se sua função só começaria horas mais tarde? Às vezes eu tinha raiva. Gostaria de ter nascido homem. Se fosse, essas linhas em meu rosto seriam de serviço suado que me dariam algum dinheiro, e isso eu poderia aguentar.

Nunca entendi muito bem alguns detalhes do casamento. Ao que me cabia, poderia ter me tornado uma mãe ou puta, e assim evitaria certos desgostos. A terra do cemitério sempre come com a mesma avidez a carne de mulheres casadas, a das que obedecem aos preceitos religiosos e a das mulheres da vida. Não há diferença para o chão que será responsável por extrair até a última gota de nossos corpos.

Após olhar o marido por um tempo, levantei-me e fui até à cozinha. No caminho, olhei pela porta do quarto. Filhos, que ainda dormiam um sono infantil, o melhor tipo de sono que se pode ter nessa vida, quando ainda se conserva a inocência para tudo o que existe neste mundo afora.

Mal sabem eles, ou melhor, ela, o que o futuro aguarda. Crianças ainda não têm o desassossego na alma como os adultos o têm. É que criança não entende que nada dura além

de um respiro. São coisas da vida, mas quem é que entende a vida? Certas estão as crianças, mesmo, pois há coisas que ficam melhor quando são incompreendidas; sei lá, não sei: é esse o mistério.

O resto do dia passou como de costume. Comprar o pão. Comprar o leite. Passar o café. Arrumar a mesa para a primeira refeição do dia, mesa simples, mas farta. Acordar marido e crianças, que se levantam com tudo pronto. Servir café para marido. Servir leite para crianças. Aguardá-los comer enquanto lavo a louça.

Marido se levanta para se arrumar para mais um dia de seu trabalho. Vestir crianças para irem à escola. Conferir se a mochila delas está com todo o material necessário para mais um dia de aulas na escola do bairro. Marido me beija nos lábios antes de sair. Crianças passam correndo por mim a dizer tchau, mas não sem antes darem-me um beijo. Retribuo o beijo e a saudação, tudo como de costume.

Silêncio.

Casa vazia.

Completo silêncio.

Sento-me à mesa para, finalmente, tomar minha xícara de café. Os minutos da manhã em que passo sozinha bebericando meu café sem açúcar são reconfortantes. É quando posso me sentir dona de algo, mesmo que seja de uma xícara branca tão simples, que nem a mim foi plenamente dada, já que é a xícara é parte de um conjunto recebido como presente de casamento. De repente, tive raiva da xícara e daquele café já frio. Coloco a xícara sob o pires com pouco cuidado.

Encaro meus vasos de planta na janela de madeira da cozinha. Os raios de Sol da manhã que adentram por essa única janela iluminam todo o espaço e trazem para o meu corpo uma sensação de calor agradável. Penso novamente em minha mãe. Será que essa

O ônibus

mulher tão amável e carinhosa conosco também se sentara em lugar semelhante ao meu, e refletirá sobre as mesmas coisas que agora reflito?

Parece-me impossível, mas, se penso bem, tantas coisas impossíveis saíram de seus esconderijos e se tornaram parte realidade nesses últimos anos. Uma realidade que, até o momento, era para mim desconhecida. Creio, na verdade, que elas sempre estiveram lá, transitando entre nós, mas em meus olhos ainda residia o poder da inocência, não me permitindo vê-las. O tempo faz isto: nos faz ver a olhos nus o que não sabíamos que existia.

Ignoro, ignoro, ignoro. Não, não quero saber. Mantenho a imagem de minha preciosa mãe guardada a sete chaves em minha cabeça.

Olho para o relógio em cima da porta da cozinha. Assusto-me com o horário; quanto tempo será que passei pensando sobre tudo isso? Pouco importa, pois os afazeres continuam e cobram as suas horas de atraso.

Lavar a louça. Guardar a louça. Arrumar a mesa da cozinha. Arrumar as camas de marido e crianças. Separar a roupa para lavar. Colocar a roupa na máquina. Preparar o almoço. Colocar o feijão de molho. Lavar as verduras. Colocar o arroz na panela. Sem carne. Marido e crianças não comem sem carne.

Dirijo-me ao quarto, onde sei que encontrarei um dinheiro que marido sempre deixa na segunda gaveta da mesa de cabeceira. E lá está o dinheiro, bem escondido, ao fundo. Pego o dinheiro e saio do quarto, sem atrever-me a dar uma espiadinha em mim mesma no espelho.

Nenhuma espiadinha seria pouca, e talvez perdesse Deus sabe lá quantos instantes da minha vida em meio a reflexões que julgariam sem fundamento, por isso não digo nada do que penso. Quem é que precisa saber se nem eu mesmo sei?

Saio pela rua em direção ao açougue. O Sol continua com sua quentura agradável, apesar de ser um dia de verão. As ruas já estão cheias como podem estar para o horário, considerando a cidade pequena em que moramos. Sempre desejei me mudar para outro lugar, maior, com mais novidades, mas marido não gosta. Diz que é melhor a calma do conhecido.

Cumprimento algumas mulheres que estão indo às compras, umas a caminho do supermercado, outras, da farmácia, e outras, assim como eu, a caminho do açougue. Não paro para falar com nenhuma; será que há tempo...? E, mesmo se houvesse, não quero.

A verdade é que possuo poucos amigos, e não os vejo com frequência. Quando poderei? Em certos dias vamos a jantares de amigos do marido, especialmente quando há alguma celebração de seus colegas de trabalho. Finais de ano...Natal, não, este passamos em casa, só nós quatro. Tudo ocorreu como de costume para um Natal tradicional.

Olho de relance para o chão. Acho uma nota. Ninguém por perto. Um pensamento toma todo o meu cérebro e o resto do meu corpo. E se...

Avanço e pego a nota rapidamente. Faço as contas. É o dinheiro de uma passagem para lá. Junto todas as notas que carrego comigo e desvio do meu caminho; açougue, não: rodoviária. Toma-me o ardente e completo desejo de abandonar tudo e todos. Se estiver certa...

E estava. Chego a poucos minutos da saída do único ônibus, no único dia da semana em que ele parte. Aquela terça-feira longa e escurecida...Consigo comprar a última passagem, subo e me acomodo no assento da janela, bem no meio do ônibus. Evito as extremidades pois nunca se pode saber que enigmas elas escondem em suas bordas, limites para outros territórios ainda desconhecidos. Ou se é que há algum mistério, já que tudo pode estar tão à vista como não se espera. Não era dia para surpresas. A decisão estava tomada.

O ônibus dá a partida; sou a única sem malas. Noto que quando subo o motorista me olha desconfiado. Outros passageiros também me lançam olhares: duvidosos, repressores, confusos. Não dou a mínima. Estou indo.

Estou indo.

Estou indo.

Não sei muito bem como tudo aconteceu. Permaneci acordada durante a viagem, mas não pude ver. Não pude...

O ônibus

Em algum momento da noite, enquanto o ônibus passava entre as curvas e mais curvas altas desse morro, caímos. Senti o ônibus descer morro abaixo, com corpos e malas voando pelo interior do veículo; vidros quebrados, gritos, berros, choros, soluços, súplicas ao divino que, em momentos como esse, sempre aparenta estar ocupado para atender aos chamados de tão fiéis devotos.

Creio que bato minha cabeça no vidro. Uma pesada mala atinge-me o rosto. Penso na minha mãe. Será que a veria? Não há como responder isso agora.

Chegamos ao fim. Abro os olhos. Não ouço nada. Abro os olhos. Ainda não vejo nada. Não me movo. Não consigo. Sinto estilhaços de vidro em minha face, creio que cortam minhas linhas de expressão.

Aguardar? Aguardar me parece correto. Será que nos acharão? Ou me acharão? Outros estão vivos? Ou não? Não creio que tenha feito nada de tão marcante para ser a única especial a estar com vida. Viva?

Eu mal sobrevivo ao último desfiladeiro...

SOBRE O AUTOR

Said Slaibi Araujo é Graduado no curso de Letras - Português/Francês pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professor de Língua Francesa, Língua Portuguesa e Redação.